

MANUEL CLEMENTE

SEM TI
NÃO VAIS
A LADO NENHUM

ÚLTIMA PARAGEM

Onde é que pensas que vais, se não te levares contigo?

Fizeram-nos crer que podíamos viver sem nós, num perfeito desencontro, e que jamais morreríamos de saudades nossas.

É mentira.

Andamos ausentes. Não sabemos o que é feito de nós, nem do que nós somos feitos. Limitados pela matéria e reféns do que os olhos podem agarrar, julgamos ser apenas o que está à vista.

Está visto que não podíamos estar mais enganados.

Ninguém pode subir na vida sem antes descer à sua essência. Para sermos casa, primeiro precisamos de ser abrigo. Um refúgio no qual só nós sabemos entrar. Um lugar onde o vazio é apenas espaço por preencher. Onde as lágrimas derramadas regam as alegrias. Onde as dúvidas são o primeiro capítulo da sabedoria.

Já é tempo de não perderes mais tempo. Ele já não volta mais, mas tu ainda podes regressar a ti. Enquanto houver vontade de vencer, nada está perdido.

Esta foi a última paragem antes de iniciarmos viagem. Se em algum momento deres de caras contigo, não desvies o olhar. Observa-te, aprecia-te e contempla a tua paisagem interior. Mesmo que não pareça, já tens aí tudo o que precisas.

BEATRIZ

Não é verdade que as pessoas deixam de perseguir os sonhos porque estão a ficar velhas. Estão a ficar velhas precisamente porque deixaram de perseguir os sonhos.

GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ

«A Judy e o Robert estão juntos há quase sessenta anos.» Era assim que começava o curto vídeo que me enviaram. Naquele momento, imaginei de imediato para onde a conversa se seguiria. O rapaz que os interpelou na rua, com idade para ser seu neto, queria saber, afinal, qual era o segredo, o «truque», para usar a expressão que usou, para que se mantivessem juntos após tantas décadas. O senhor, divertido e à vontade com a câmara, não hesitou: «Porque não encontrou nenhum homem mais bonito!» Desataram a rir que nem dois adolescentes acabados de se conhecer, trocaram um olhar cúmplice e voltaram à pergunta. «Respeito, amizade e companheirismo», nomeou Judy, pragmática. Como não concordar? Impossível.

À semelhança da culinária, os ingredientes mais importantes numa relação também são os mais simples, aqueles que estão acessíveis a qualquer um, ainda que, depois, nem todos acertem nas quantidades. Subscrevo na totalidade o trio referido pela Judy e pelo Robert, mas gostaria de acrescentar mais um: admiração. Preciso de alguém que me inspire, que seja um exemplo

e que saiba pôr-se em primeiro lugar. Entre tantos outros atributos que poderia mencionar, talvez este seja o que mais me apaixonou. Descobri esta minha «necessidade» após entrar no relacionamento em que atualmente me encontro.

Lembro-me do nosso primeiro jantar com amigos em Portugal. Foi em casa da Adriana, no Lumiar. Era véspera de feriado, e por isso não estávamos preocupados com as horas, iria ser até a noite ter de se ir deitar. Conhecia a Beatriz havia pouco tempo, mas as primeiras impressões já me tinham dito que era «diferente». Encostado na parede da sala, escutei-a com atenção e interesse. Falou do seu objetivo de terminar o mestrado em Gestão para, logo de seguida, integrar as fileiras de uma das principais consultoras em Portugal. «Estou lá três anos, junto um bom pé de meia e depois despeço-me para ir viajar», afirmava, convicta de que o seu plano era infalível. Apesar de aquele discurso me ser familiar, absteve-me de emitir qualquer opinião. Senti claramente que não era essa a sua verdadeira convicção, ainda que se mostrasse cheia de certezas absolutas. «Ela sabe mesmo o que quer», comentava alguém ao meu lado, admirado com tanta assertividade.

Começámos a namorar ainda antes de ela terminar os estudos. Cheguei a ir buscá-la algumas vezes à faculdade. O semblante triste, desanimado e repleto de frustração não dava para ignorar. Detestava o curso, a competitividade incutida pelos professores e o ambiente entre colegas. Por mais que virasse o rosto para o lado, o desconforto que sentia encontrava sempre maneira de aparecer. Sentia-se culpada não só por não estar a corresponder às próprias expectativas, como também por estar a desperdiçar a bolsa que tinha recebido para frequentar o mestrado. A juntar a este turbilhão, acrescia ainda o facto de não ser o primeiro curso que estava a tirar. Nos três anos anteriores, tinha-se formado em Jornalismo, profissão que nunca chegou a exercer, tamanha foi a deceção quando fez o primeiro estágio. Aos poucos, através da dor, a vida foi-se encarregando de resgatar a Bea.

Perante as evidências, impossíveis de refutar, acabou por desistir. A decisão fez com que o lugar que tinha à sua espera na multinacional desaparecesse. O sonho de trabalhar horas infinitas a troco de um salário avultado também se evaporou. Um golpe pesado para alguém como ela, cheia de certezas e verdades. Acabou por se conformar com a realidade e começou a procurar trabalho, o que não foi difícil. Entre tantas outras competências, contava no currículo com a criação de uma associação e a vice-presidência de outra. Isto obviamente abriu-lhe portas e ajudou a sarar as mágoas mais recentes.

Tal como eu, também ela precisava de fazer o seu caminho. Experimentar, errar e cair. Nunca deixou de ter forças para se levantar e ainda ajudar os outros a reerguerem-se também. Assistir a esta metamorfose diária, ao vivo e na primeira fila, só me enchia de orgulho. Talvez não lhe tenha dito as vezes suficientes, mas também serviu de incentivo para eu próprio continuar. Crescemos juntos, cada um no seu caminho, mas sempre lado a lado.

Na brincadeira, gosto de lhe chamar «Canivete Suíço». A mulher dos sete ofícios que já trabalhou numa ONG em Moçambique, organizou eventos, começou a aprender língua gestual, deu palestras, jogou basquetebol e encontrou sempre mais soluções do que entraves. Ainda assim, havia algo que desconhecia e que apenas soube mais tarde: a paixão pelo *design* de interiores. Em nossa casa, o departamento de estética estava sob a sua alçada, mas jamais ponderei que fosse um sonho de criança. Na minha inocência, fiz a pergunta mais óbvia: «Se é algo de que gostas, porque é que nunca exploraste essa área?» A Bea sonhava mudar o mundo, ajudar pessoas e fazer a diferença. Na sua opinião, desígnios tão elevados e nobres em momento algum seriam compatíveis com «decorar casas». Consegui ver-lhe no olhar que era uma profissão que a entusiasmava, mas que os preconceitos a levaram a rotular como fútil, supérflua e irrelevante.

Os desaires profissionais foram-se sucedendo. Ora não se identificava com os valores das empresas, ora a relação com as chefias se tornava inoportável. Numa das ocasiões, possivelmente a mais grave, nem lhe chegaram a pagar o que deviam. O Universo encontra sempre formas muito eficazes e pouco agradáveis de comunicar connosco, não é? Talvez porque só assim é que lhe vamos prestar atenção. O fim da linha de desilusões da Bea estava a aproximar-se. Tantos anos, inconscientemente, a separar o joio que tudo o que lhe restava era aproveitar o pouco de trigo que tinha sobrado.

Uma vez mais, soube reinventar-se. Saiu do emprego onde estava, aproveitou o dinheiro que tinha juntado e inscreveu-se no curso de Design de Interiores. Naquele ano, trabalhou a tempo parcial num supermercado. No primeiro dia, antes de sairmos de casa, tirámos uma fotografia juntos. De cabelo apinhado, calçava uns sapatos de segurança e vestia um colete com «Beatriz» inscrito numa pequena chapa. «Ainda não estás onde queres, mas já estás a caminho», disse-lhe, enquanto nos despedíamos com um abraço.

Foi um ano letivo desafiante e cansativo, mas também recompensador. Ao fim de poucas aulas, o «bichinho» que trazia dentro de si começava a ganhar a verdadeira dimensão. Provavelmente vai-me pedir para cortar esta parte, mas até chegou a ser nomeada delegada de turma! «Vais ver que ainda vais ser a melhor aluna também», disse-lhe, seguro de que esse seria o desfecho mais provável. E foi. Mesmo sem qualquer tipo de bases de arquitetura ou desenho, conseguiu destacar-se. Tudo apontava que aquela seria a sua direção. Quando a paixão e a dedicação se encontram, poucas são as forças capazes de impedir o talento de acontecer.

O presente oferece-lhe, hoje, toda a validação de que precisava. Já teve uma experiência profissional em Nova Iorque, dá aulas na escola onde se formou, trabalha em Portugal, num *atelier* de renome, e daqui a nada vou ter de sair para a ir buscar ao aeroporto, pois regressa de Paris, onde foi em trabalho. Não partilho

este percurso que tanto me orgulha e inspira para me «gabar». Faço-o porque sei da quantidade de «Beatrizes» que andam por aí, desconfiadas dos seus sonhos e da sua capacidade para, pelo menos, tentar vivê-los. Dar uma oportunidade e esperar para ver. Se não somos todos apaixonados e interessados pelas mesmas coisas, como é que ainda não consideramos este «detalhe» uma pista importante? A meu ver, poucos sinais são tão clamorosos quanto este. Não partas do princípio de que já sabes como vai ser o final se ainda nem começaste. É normal ter medo e dúvidas, o que não é normal é desistir antes de tentar. Se for mesmo por aí que tens de ir, a vida acaba sempre por encontrar uma forma de te levar.

Só para que saibas:

Todos os caminhos
Vão dar a ti,
Mas alguns podem ser
Longos de mais.

TU É QUE SABES

A decisão é um risco enraizado na coragem de ser livre.

PAUL TILLICH

A repetição é algo que muitas vezes subestimamos, mas que tem um poder incrível. É graças aos milhares de horas a tocar piano que, no dia do espetáculo, o pianista sobe a palco e funde-se com o seu instrumento. Vejamos também o ilusionista que, após variadíssimos ensaios, chega a fazer-nos acreditar que a magia existe mesmo. Ou até qualquer um de nós, que, apesar de não termos nascido ensinados a andar, hoje podemos deslocar-nos sem ter de pensar em colocar um pé à frente do outro. A consistência é, sem dúvida, uma das chaves que abrem a porta ao progresso.

Este ato de reproduzir uma e outra vez o mesmo gesto não tem apenas repercussões «mecânicas». Aquilo que ouvimos dos nossos pais é um bom exemplo disso. «Não são horas de estar na cama»; «Quando tiveres filhos, vais perceber»; «Isso não se diz!». Se existisse um contador a marcar quantas vezes ouvimos determinadas expressões, este certamente já teria dado a volta. A maior parte delas são inofensivas. O «pior» que pode acontecer é darmos por nós a replicá-las com os nossos descendentes. Por outro lado, há outras afirmações bem mais ameaçadoras e que, apesar de bem-intencionadas, nos podem condicionar para

a vida toda. «Esquece isso, nunca vais conseguir»; «Deixa-te mas é ficar sossegado»; «Tens de ser forte!»; «Estás a exagerar»; «Isso são coisas da tua cabeça»; «Eu é que sei o que é melhor para ti». Repetidos vezes suficientes, principalmente numa idade em que somos mais permeáveis, estes conceitos acabam por se entranhar no fundo da nossa identidade.

Felizmente, os meus pais têm-me apoiado ao longo das diferentes fases da vida. Podiam nem sempre confiar totalmente nas decisões que tomava, mas estavam lá a dar suporte, cada um à sua maneira. Na verdade, o meu «problema» nunca foi o de me sentir apertado, sem espaço para poder ser. O que me afligiu durante algum tempo foi o excesso de liberdade. Considero a minha mãe uma das pessoas mais sábias que conheço. Ponderada, serena e assertiva. Dentro do seu catálogo de frases, tem uma que ainda hoje ecoa, tantas foram as vezes que a ouvi como resposta: «Tu é que sabes.» Hoje, é fácil integrá-la e perceber a sorte que tive (e tenho), mas nem sempre foi assim.

Quando chegou a altura de tomar decisões mais sérias na minha vida, sentia sempre uma indefinição que me paralisava. Não me conhecia minimamente bem e isto levava a que não soubesse o que fazer. Nestas ocasiões, o instinto de sobrevivência acaba por nos conduzir para a solução teoricamente mais segura: pedir a opinião das pessoas. Falamos com os pais, amigos ou colegas. Cada um partilha o seu ponto de vista, algo muito pessoal e que quase sempre nos diz mais sobre si do que sobre nós. Por trás desta máscara de pessoa recetiva e aberta a conselhos, no fundo, escondia-se um covarde. Mesmo que não tivesse essa consciência, eu sabia o que tinha de fazer, só que estava assustado.

Na verdade, aquilo que buscava era validação. Procurava que me dissessem aquilo que queria ouvir ou, em último caso, que escolhessem por mim. Mais do que uma autorização para avançar, necessitava de cúmplices. Precisava de diluir as minhas responsabilidades pela quadrilha. Como? Tendo a quem apontar

o dedo caso as coisas não corressem bem. Desta forma, não seria o único autor do fracasso, nem teria de lidar sozinho com a dor da queda. Era mesmo um mestre nesta arte. Só não desenvolvi mais este talento porque a minha mãe não deixou. De manhã, quando ainda vivíamos juntos, perguntava-lhe, ao pequeno-almoço: «Estou a pensar despedir-me, não aguento mais aquilo. O que achas?» Impávida e sem nunca deixar de mexer o café, respondia: «Não sei, filho. Tu é que sabes.»

Esta resposta, ausente de qualquer hesitação e sem sequer fazer um esforço, era algo que me chateava imenso. Não me sentia preparado para lidar com esta liberdade total. Era tão vasta e incerta que me amedrontava. «Faz o que entenderes ser o mais acertado para ti», completava, sem nunca mudar o tom de voz. Bem que a tentava pressionar, mas parecia que trazia vestido um colete à prova de insistência. Não tinha a certeza absoluta do que seria melhor para mim e isso deixava-me impaciente. Tudo o que queria extrair era uma resposta concreta, uma indicação precisa, alguma pista de qual seria o caminho certo. Ela também não sabia, mas eu desejava muito que a soubesse e ma pudesse revelar. Mesmo sendo algo castrador, ter alguém a pensar e a decidir por nós parece ser o mais fácil. Ora, no âmago do nosso ser, todos sabemos que essa nunca será a hipótese correta.

De facto, eu é que sabia, mesmo que não soubesse que sabia. Por mais paralisantes que sejam, ninguém pode tomar as nossas decisões por nós. A liberdade para escolher traz consigo a responsabilidade de decidirmos bem. Não queremos falhar o alvo, muito menos expor esta faceta de embarcação à deriva. Em última análise, se olharmos bem, veremos que não temos escolha. Não há forma de escapar. Segundo Eva Krockow, professora na Universidade de Leicester, no Reino Unido, um adulto toma em média 35 000 (!) decisões por dia. Já que não decidir também é uma decisão, então estamos mesmo condenados a seguir alguma opção. Nem sempre vão ser boas e tão-pouco serão as melhores,

mas que ao menos sejam nossas, com base naquilo que intuímos, pensamos ou sentimos verdadeiramente. Cada um é que sabe de si, e todos deveríamos saber disso.

Só para que saibas:

A vida é demasiado tua
Para que as escolhas
Sejam feitas pelos outros.

MOTIVAÇÃO

*Persegue o que chama o teu coração,
não o que atrai os teus olhos.*

ROY T. BENNETT

Frases motivacionais, palestras motivacionais e discursos motivacionais. Nunca deve ter existido tanta «motivação» disponível como nos dias de hoje. São pequenas pílulas de incentivo fáceis de tomar e que nos levam a agir e a querer enfrentar os fantasmas da inércia. Que feche este livro quem nunca se sentiu atingido por uma história de superação, daquelas que nos fazem agradecer por tudo o que temos e de que, tantas vezes, nem nos damos conta (leia-se «valor»). Ora, não são poucas as vezes em que este efeito passa rapidamente, como o gás numa bebida que nos esquecemos de ingerir no devido tempo. As motivações de cada um são algo bastante pessoal. Resultam de uma quase infinita combinação de características, experiências e aspirações. Podemos até deixar-nos inspirar por um testemunho verdadeiro, extraído diretamente da essência daquele ser humano, mas, no final de tudo, a nossa motivação é sempre algo que deflagra interiormente, tão forte que não conseguimos alhear-nos da sua presença.

Ao longo dos últimos anos, tenho sido galardoado com algumas partilhas que vou recebendo por parte dos leitores. Continua

a ser indescritível o momento em que descubro que aquilo que escrevi conseguiu transcender o papel. Muitos colocam o mérito das suas mudanças e transformações numa frase em particular, numa história na qual se encontraram ou até num livro inteiro. Nunca deixo de agradecer o cuidado e a generosidade, mas isto seria o mesmo que enaltecer apenas o fósforo por todo o calor que a lareira nos fornece. Alguém precisou de cortar a lenha e de a dispor estrategicamente para que o fogo pegasse. Também foi necessário comprar acendalhas e apanhar algumas pinhas. Quanto ao próprio fósforo, não basta que esteja aceso – é preciso sermos rápidos a agir; caso contrário, queimamos a ponta dos dedos. Apesar de existirem tantos fatores e intervenientes, nada disto seria possível sem a existência de alguém motivado para os reunir e fazer o que tem de ser feito.

Muito daquilo que escrevo também é motivado pelas conversas que tenho, pelos filmes que vejo e pela música que oiço. Relativamente a gostos musicais, sou bastante eclético, mas se tivesse de escolher apenas um estilo, certamente seria o *rap* português. Além do papel educativo que desempenhou na minha adolescência, também contribuiu para o espoletar do meu fascínio pelas palavras. Até nas músicas em cuja mensagem não me revia, havia sempre um fascínio pelos versos esculpidos e pela forma como eram expressos. Há 20 anos, quando comecei a ouvir, era quase impossível interagir com os artistas que diariamente nos acompanhavam nos auscultadores, a não ser que fossem do nosso bairro. Hoje, este processo encontra-se facilitado por todos os meios que temos à disposição. Foi assim, graças ao Instagram, que tive a oportunidade de conhecer o Pedro, mais conhecido por Madkutz, um dos produtores de maior renome no panorama do *rap* nacional.

Fiz toda a questão que soubesse o quanto admirava e respeitava o seu trabalho. O papel que desempenhou (e desempenha) foi fundamental para o crescimento estratosférico desta cultura em Portugal. Felizmente, obtive uma resposta do outro lado;

houve empatia, e por isso falamos ainda nos dias de hoje. Foi essa amizade que fez com que, mais tarde, surgisse o convite para gravarmos um *podcast* juntos. «Diz-me só o dia e a hora», respondi, sem hesitação. Quando há vontade, as coisas acontecem. E aconteceram. Na data acordada, atravessei a ponte Vasco da Gama em direção ao Montijo. Tinha um jantar à minha espera. «Esta é a massa que costumo fazer. Não é nada de especial, mas espero que gostes», desabafou, para não criar grandes expectativas. A verdade é que não sobrou nada no tacho, e pouco também iria ficar por dizer na gravação do episódio, já que a conversa à mesa prolongou-se. Sem mais demoras, levantámos os pratos e fomos para o estúdio gravar.

Aquela hora passou como tinha de passar: a voar. A noite já quase chegava ao dia seguinte e, antes de eu me despedir, o Pedro exclama: «Eh pá! Com isto tudo, nem te mostrei a casa quando chegaste.» «Não tem problema, vejo agora, se quiseres», respondi, para descomplicar. Invertemos o protocolo habitual das visitas domésticas, mas não deixámos de o fazer. Apesar de ser autoexplicativo, todos gostamos de abrir a porta e dizer com voz de novidade: «Aqui é a casa de banho.» «A sério? Ninguém diria!», reage sempre a minha ironia, em tom de brincadeira. A divisão seguinte era a sala. Ainda que tivesse uma área generosa, pegando nas palavras dos consultores imobiliários, aquilo que mais cativou o meu olhar foram as molduras na parede. «O que são?», perguntei, curioso, enquanto apontava o indicador para cada uma delas. «São os *singles* e álbuns de ouro em que participei», respondeu, sem o entusiasmo de que eu estava à espera. «Mas isso é ótimo! Muitos parabéns!», disse, com ar efusivo, na expectativa de dar a devida importância àqueles feitos. «Claro que é bom, mas em princípio vão deixar de estar à vista», rematou o Kutz, como tantas vezes é apelidado no meio musical. Franzi o rosto, indicando que não entendia o motivo. Via-se que não era uma decisão recente, daí ter sido claro e sucinto na sua resposta: «Se preciso de estar constantemente

a olhar para estes prémios para poder criar, então é porque não estou com a motivação certa», concluiu, enquanto nos dirigíamos para a divisão seguinte. Guardei delicadamente aquela frase no meu acervo interior, apontei-a mal cheguei ao carro e vim o caminho todo de regresso a permitir que fosse devidamente assimilada.

É preciso deixarmos de querer converter as consequências em causas. O reconhecimento, as conquistas e os aplausos não são o que nos motiva verdadeiramente. Mais importante do que as medalhas que envergamos, só mesmo o que preenche o peito que as carrega. As reais motivações revestem-se de uma simplicidade tão singela, singular e sóbria que, no meio de tantas serpentinas e misturas, facilmente sofremos desvios que nos levam a maus portos, onde as amarras não têm onde se amarrar e as âncoras são incapazes de tocar no fundo. O superficial é acessório. Confere estilo, mas não agasalha. Acende a sinceridade e ilumina as origens daquilo que te move. Se é esse o teu combustível, aquele que te nutre, porquê forçares-te a ter outro? Quem tu és é a tua principal fonte de motivação.

Só para que saibas:

**O teu sentido encontra-te
Assim que descobres
As tuas verdadeiras razões.**

«COMO TERIA SIDO SE»

Temos de saber distinguir entre aquilo que é completamente impossível e aquilo que é meramente improvável.

ARNE NÆSS

Em maior ou menor grau, todos sentimos alguma espécie de medo. É tão natural como precisar de respirar ou de dormir. Sem este estado emocional, dificilmente ainda estaríamos vivos. Muito provavelmente, já teríamos saltado da varanda ou atravessado uma autoestrada a pé, e, logicamente, não iria correr bem. O processo de domesticação dos receios é desafiante. Requer coragem, paciência e algum otimismo. Isto porque os medos podem encontrar-se nas mais diversas situações. Segundo um estudo da Chapman University, da Califórnia, estes são alguns dos mais frequentes: falar em público, alturas, aranhas, morte, voar, falhar, solidão, doença, dor e rejeição. Se não formos nós, pelo menos de certeza que conhecemos alguém que sofre de algum destes dez.

Nas sessões de *Human Design*, um dos vários temas que abordamos é precisamente o medo. Consoante o mapa da pessoa, é possível determinar os seus principais receios e, por sua vez, as estratégias que devem adotar-se para tirar o melhor partido deles. Há um medo que surge com bastante frequência e que não consta da lista que referi. Talvez por não pôr em risco a nossa

integridade física, a tendência seja para o desvalorizar ou, pior ainda, para nem sequer sermos capazes de o identificar.

Falo do medo da vida sem propósito, da inexistência de um sentido para a existência. Mais do que imaginamos, as pessoas sofrem com esta questão. Aquela sensação de a vida nos estar a passar ao lado, sem sabor nem significado, é muito dolorosa. Conheço-a bem. Foi graças a ela que acabei por tomar decisões importantes que, se assim não fosse, talvez nunca tivesse tomado. Sei que pode parecer um capricho, um problema que só atinge privilegiados que já garantiram a subsistência, mas talvez seja mais transversal do que julgamos.

O tempo vai passando e parece que nada acontece. Está tudo às escuras, e o que vemos hoje é o que vimos ontem. Há um conflito interno que começa a ganhar forma. Queremos descobrir-nos, saber o que estamos aqui a fazer, e não descansamos enquanto não obtivermos essa resposta. Isto pode levar-nos a tomar decisões impulsivas, ceder à impaciência e agir por desespero. Quanto mais ativa se torna esta busca, maiores são a ansiedade e o pavor que se instalam. «Não acredito que vou passar pela vida sem nunca ter vivido», pensava eu nos encontros silenciosos entre a minha cabeça e a almofada.

Desperdiçamos tanta energia à procura de uma resposta que, quase sempre, ignoramos aquela vozinha que nos vai dando pistas. Há uma sabedoria interna que nos acompanha, mas, após tantos anos a reprimi-la, é necessário que chegue o momento em que aceitamos resgatá-la. Sem experiência e maturidade, o medo de ver a vida a fugir, de certa maneira, impele-nos a correr riscos desnecessários. A dor, as mazelas e as desilusões acumuladas atiram-nos, muitas vezes, para o polo oposto. Desistimos de arriscar e, numa luta desigual contra a nossa essência, tentamos silenciar-nos. Esforçamo-nos para ser normais, jogar pelo seguro e contentar-nos com o que temos, mas não se trata de uma escolha nossa. O desconforto de uma vida sem sentido continua a alastrar.

Tive a sorte de ter a inconsciência (ou a sabedoria) suficiente para dar saltos importantes. Sempre que tentava não inventar e ficar sossegado, lá vinha a curiosidade a (des)encaminhar-me. Quantos mais testemunhos precisamos de ouvir para saber que, na sua maioria, as pessoas em fim de vida se arrependem essencialmente daquilo que não fizeram? Já sabemos como é que a história vai acabar. Para muitos, isto pode soar a fatalismo, mas estamos sempre a tempo de mexer no guião. Fazer hoje um pequeno ajuste que mais tarde fará toda a diferença na narrativa, mesmo que não tenhamos essa consciência.

No passado, o «como teria sido se» era a minha maior tormenta. Por certo, o momento em que me senti mais ansioso e nervoso deu-se numa tarde de primavera, enquanto estava na empresa onde trabalhava. Sem que nada o fizesse prever, tirei os olhos do ecrã e comecei a observar o ambiente, a impressora a trabalhar, os telefones a tocar e os meus colegas de semblante carregado, cada um na sua secretária. Nesse instante, entrei em pânico. Pela primeira vez, estava a dar-me conta de que, caso continuasse assim, aquela iria ser a minha vida para sempre. Sem entusiasmo, sem alegria e sem esperança. O coração desatou a bater mais depressa. Assustado, levantei-me e fui apanhar ar. Comecei a andar em círculos, junto aos contentores onde era feita a reciclagem do cartão e do plástico, nas traseiras do edifício. Estive prestes a desatar a chorar compulsivamente, desesperado e certo de que aquele não era o meu lugar. Por fim, fiz uma chamada para a minha namorada da altura e lá me consegui acalmar.

Senti aquele momento como um recado da realidade: «Meu amigo, ou vais e vês o que acontece, ou ficas e estás condenado a ser um infeliz.» Foi duro e, mais do que isso, atçou ainda mais o meu medo de não estar a viver. É provável que sintas o mesmo, daí que tenhas escolhido este livro para ler. Os dias são todos iguais, já não te lembras da última vez que soltaste uma gargalhada genuína e, assim que entras nesse sítio onde passas a maior

parte do dia, o teu corpo parece puxar-te para trás. Tentas passar por entre os pingos da chuva, não queres chatices, mas também não suportas sentir-te transparente.

Antes que a vida passe, passa tu primeiro à ação. Não é por teres tentado que te vais arrepender. Não é das aprendizagens que adquiriste que vais sentir pena. Não é das histórias que vais ter para contar que te vais envergonhar. Seja aquilo que for, começa. Por favor. Mesmo que não dê nenhum passo, vira-te, pelo menos, para ti. Não fazes ideia do que a vida te reserva quando, simplesmente, decides dar a ti mesmo uma oportunidade. Vai lá e vê o que há para ti. Aprende a desfrutar do processo, cumprimenta as dificuldades e celebra o teu crescimento. Podes até nunca chegar lá, mas, sabes que mais? Ao menos ficas a saber como teria sido se escolhesses viver.

Só para que saibas:

**Não custa começar.
O que realmente custa
É não ter começado.**